



Mapeando

Mapping

Teresa Torres Eça¹
Centro de Investigação em Artes e Comunicação
Universidade Aberta de Lisboa

Resumo

Este artigo é um relato autobiográfico. Apresenta mapas de encontros e desencontros que influenciaram a relação da autora com a arte e a educação. Tendo em conta a sua hibridez de artista, professora e investigadora, a autora relata o seu percurso pelas principais redes e organizações onde se integra: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV, International Society for Education Through Art – InSEA; Rede IberoAmericana de Educação Artística – RIAEA.

Palavras-chave: arte, educação, APECV, InSEA, RIAEA.

Abstract

This paper is an autobiographical narrative. It presents maps of encounters that had influenced the relationship of the author with art and education. Considering the hybrid condition of being an artist, a teacher and a researcher, the author describes her trajectory through the main networks and organizations where she has worked: Association for Teachers of Expression and Visual Communication – APECV, International Society for Education Through Art – InSEA, Ibero American Network on Art Education – RIAEA.

Keywords: art, education, APECV, InSEA, RIAEA.

Enviado em: 05/06/18 - Aprovado em: 17/07/18

Nunca consegui explicar-me com palavras! Como posso pensar-me como mulher, mãe, artista, professora, investigadora? Tento entender a minha pessoa nestas múltiplas e complementares facetas. Não consigo separá-las, nem consigo acertá-las. Não consigo ver-me. Só consigo aperceber-me das minhas sombras pelos caminhos que trilhei. Neste texto, optei por uma narrativa da minha vida como uma viagem, mapeando os trilhos onde deixei marcas. Olhando o meu passado entre artista professora de artes visuais encontrei um percurso cheio de portas que nunca foram fechadas, esperando uma futura revisitação que deixo para terceiros.

Sigo o meu destino nas impossibilidades da vida, percorrendo um caminho cheio de encantamentos, com saudades daqueles que o compartilharam comigo por algum tempo e aberto a novos encontros. Sem pressas, seguindo intuições mais do que direções, deixo-me levar por uma força cuja origem desconheço, na deriva das marés que me levam a portos onde companheiras(os) de outras vidas me acolhem. Trago comigo um regador para cuidar das minhas plantas: amizades que mapeiam a história da minha vida.

Mapeando

Talvez eu possa desenhar essa viagem que me fez pessoa, fazer o 'mapa do eu', começando a partir de hoje, desenhando as sombras nos caminhos de ontem.

Piénsate **hoy** como formador/ educador que eres para observar las conexiones entre tu comienzo y lo que te gustaría llegar a ser. Dibuja tu silueta para charlar con el curso de tu vida de enseñanza y aprendizaje. Deja espacios para localizar sucesos positivos hacia fuera de la línea y negativos hacia dentro de ella. Coloca círculos, señales, para escribir esas palabras. Céntrate en las articulaciones, puntos curvos, momentos memorables, o marque sucesos en tu desarrollo (AGRA PARDINAS, 2010, p. 27).



Figura 01. Caderno de viagem, junho, 2007.

Estou entre-lugares, pisando fronteiras, inseridas entre campos diferentes, por vezes antagónicos. Sinto-me híbrida feita de vários entendimentos que coexistem em

equilíbrios precários. Entre a arte e a educação, entre a educação da arte e entre a educação pela arte. Entre a política e a ética. Uso os papéis normalizados do ensino formal burocrático, repressivo, concentrado, anacrônico num voo miscigenado que atravessa territórios e ideias. Tal como desenhei este pássaro "Figura 01" na folha de rascunho do exame nacional que estava a vigiar naquela manhã quente de junho. Na minha frente estavam jovens apavorados, tentando lembrar a matéria, numa situação de teste artificial que avaliava conhecimentos e competências irrelevantes. Tinha regressado de Valparaíso no Chile na semana anterior. Como eu gostaria de os transformar em pássaros e lhes mostrar as araucárias sagradas dos Mapuche!!! Onde o tempo tem milénios e não segundos. Mas, tenho de estar ali, vigiando a sala, a pactuar com um sistema de entrada na universidade e na vida, completamente injusto. O meu olhar trai-me, no fim do exame uma aluna sorri-me, se calhar o pássaro voou pelo sonho dela também.

Tento criar pontes, estabelecer redes, dar força aos outros professores, dizer-lhes que não deixem de acreditar na educação. Às vezes tenho um discurso demagógico, dirigista, manipulo, coloco as peças do xadrez e espero que algo aconteça. Não tenho muita paciência para relatos em espiral. Gosto de ir direta ao assunto. Detesto gastar tempo com banalidades. Mas, em privado tenho um medo danado das minhas ideias. Nunca estou contente com o que faço. Não sei como equilibrar os meus sonhos com a realidade. Sonho com missões de voluntariado com grupos de risco, trabalhar em comunidades vulneráveis.

Mas, trabalho numa escola pública com adolescentes normais de classe média. Cada ano é uma luta difícil porque não quero usar autoridade, mas sim, persuasão e negociação. Uso métodos de aprendizagem e de avaliação diferentes dos outros professores, coloco dúvidas, questões, incertezas. O relacionamento com os alunos começa sempre por ser muito duro e demoro muitos meses a estabelecer com eles as relações de amizade que necessito para que a aprendizagem flua.

Aula de História da Cultura e das Artes (11º ano, idades entre os 16 e 17 anos, curso de artes visuais)

Que faço eu aqui? Entre a visão modernista da história da arte do manual e do curriculum e a minha visão plural das histórias possíveis. Como fazê-los entender a minha abordagem crítica e preparar a turma para uma prova de exame de resposta única. Uma turma difícil, habituados a decorar fórmulas a não pensar... dizem-me o que aprenderam sobre o maneirismo: uma lengalenga de certezas a partir do mito

renascentista do artista gênio. Decoraram factos sobre artistas masculinos brancos, ocidentais, na maioria homossexuais, sobre uma arte redutora, elitista: a arte dos manuais e do curriculum. Penso no tigre de Gim Hog-do, artista coreano da dinastia Joseon... Não sei como fazer, estou às escuras, mostro imagens, lemos textos..., tento fazê-los pensar, criticar o que leem, duvidar do que lhes dizem... Sem resposta. Só quatro ou cinco alunos participam, os outros têm conversas paralelas, fazem o trabalho de casa de inglês, terminam o exercício de desenho, mandam SMS no telemóvel. Não sei que fazer... Por que é que é tão difícil? Por que faço questão em fazer diferente do resto? Silêncio enfim. Explico de novo as perguntas, os alunos de sempre respondem. E os outros? Como posso fazer com que entendam que precisam de ser críticos? Se é tão mais fácil para eles copiar respostas certas. Termina a aula, estou triste, foi uma aula péssima. Como é que vou fazer a próxima aula? (Teresa Torres de Eça, Diário de bordo, 18-10-2010).

Nunca sei o que vou fazer amanhã. Detesto regras, normas, prescrições, receitas, manuais escolares, predições, planificações, qualquer tipo de limitações. Para mim, os limites existem para serem transgredidos. Tenho dificuldades em viver na realidade, em esperar pela consulta do médico de família, preencher formulários, falar com funcionários robôs. Falar de coisas sem importância. Não consigo estar quieta. Detesto a mediocridade e não suporto a falta de imaginação!

Sei que deve ser difícil viver comigo, sempre a mudar tudo de lugar!!!

Tento ser organizada, não ver nem fazer mais além do que me é pedido. Mas não consigo, acabo sempre por entrar em projetos enormes, mexendo com várias áreas, com muita gente, levando tudo atrás.

Na escola onde lecciono, e na Associação de Professores de Educação e Comunicação Visual a que pertença, acabo sempre inventando projetos transdisciplinares, desestabilizando tudo. Tal como Ramon Cabrera Salort, acredito na escola como projeto.

[...] De una visión cada vez más centrada en una escuela que rompe los moldes tradicionales y se instaura abierta al medio; de una escuela en cambio continuo por la acción de sus protagonistas: una escuela como proyecto; de una escuela, por tanto, imaginada e imaginal, atravesada toda ella por la imagen [...] (SALORT, 2007, p 1)

Mas muitas vezes descredito, penso que o sistema educativo existente, de matiz iluminista positivista, de 'disciplina e castigo' está tão decadente que não poderá transformar-se nunca. Olho em volta e vejo políticas educativas incongruentes, governos

incapazes de pensar um futuro sustentável, intervenientes no sistema que não querem ousar, professores conformistas; alunos acomodados a um sistema de faz de conta. Um sistema de faz de conta que não ensina coisas importantes para a vida, como comentava o arte educador argentino Victor Kon no fórum de discussão da Rede Ibero Americana de Educação Artística.

Los métodos están basados en la memorización y la repetición. Prima la razón. La emoción es desterrada. Las reglas entre generaciones son impersonales. Esta forma y gramática subsisten hasta el presente. Los cambios en el conocimiento y las tecnologías le han sido extraños y ajenos, dando lugar al anacronismo de mantener formas culturales perimidas. Incluso, en lugar de adaptarse a los cambios necesarios, pretende que los nuevos saberes se adapten a las estructuras anquilosadas provocando fricciones o directamente cerrándole las puertas. Hay que preguntarse entonces con Anthony Giddens si la escuela es nada más que una institución cascarón, es decir si está en condiciones de responder a los requerimientos para las cuales fue constituida (KON, RIAEA, 2009, p. 2).

Então só me apetece largar tudo e ir trabalhar em comunidades diferentes, com crianças e jovens mais motivados, com equipas de voluntários, que acreditam no que fazem.

Mas logo recuo e penso que, se calhar o meu trabalho no ensino público, é também uma missão na medida em que posso criar estratégias de aprendizagem através das artes conducentes ao entendimento do eu do outro que ninguém mais faz, e que posso demonstrar na prática da sala de aula que a transgressão é possível. Vivo em territórios demarcados, normatizados, estandardizados, procurando fendas de flexibilidade, as fendas por onde se podem desenhar caminhos a três dimensões, onde se pode pensar e agir não linearmente, onde se pode sentir e amar sem limites.

É nessas fendas, nesses entre-lugares que eu acredito que é possível existir a educação e onde a arte tem importância. São lugares utópicos, como diz Ana Mae Barbosa (2008), são lugares possíveis e permeáveis, onde me realizo como artista comunitária que escolheu a educação como forma de arte.



Figura 02. A classe de 2017-2018.

Mas será que eu faço isso? Carrego comigo uma tradição modernista do ponto, linha, luz, cor, perspectiva, forma-função, comunicação visual, de técnica e de forma que está confortável nesta escola apática e acrítica. E carrego comigo uma força tremenda através da arte comunitária, que passa pelo respeito pelas narrativas, pelas conversas sobre identidades e culturas num clima caótico de constante negociação entre mim e meus alunos. E esses fardos podem pesar toneladas!

Dibuja tu silueta de ayer

*Dibuja tu **silueta de ayer**, la de tus comienzos con aquellas palabras que tenías en aquel momento. ¿Cuál fue tu impresión de tu primer día enfrente de la mesa del despacho o detrás como principiante? (AGRA PARDINAS, 2010, p.27)*

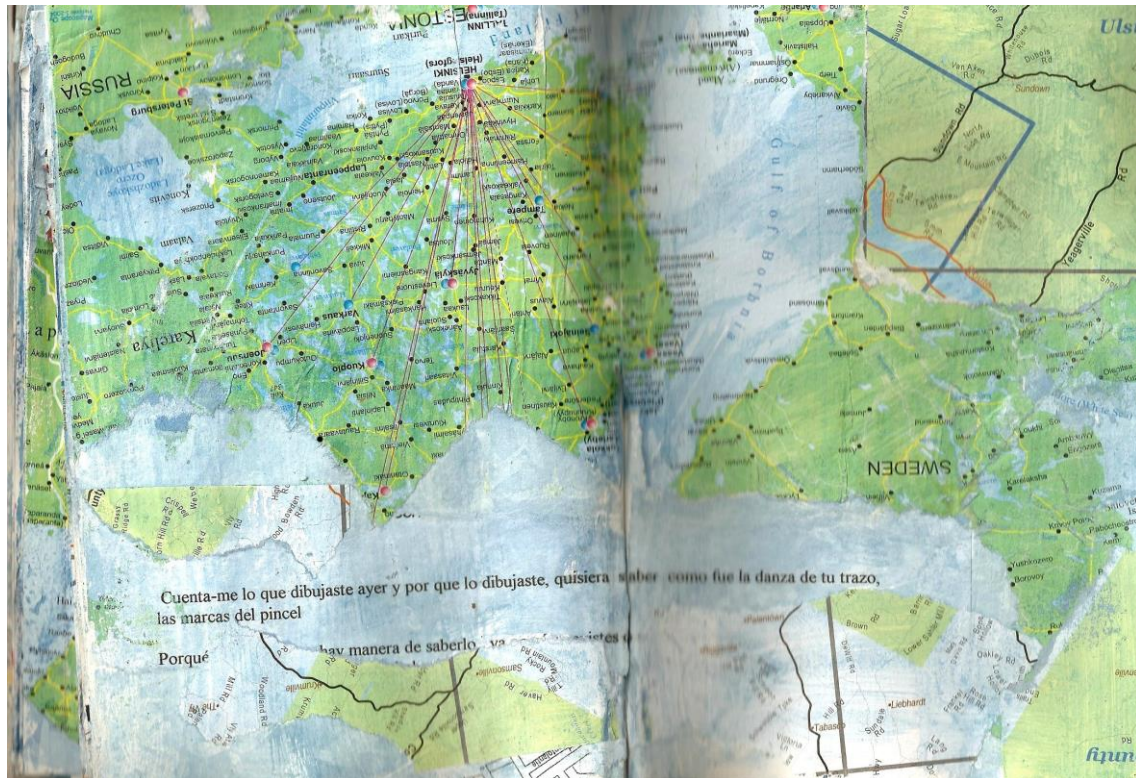


Figura 03. Caderno de viagem, setembro de 2010.

Guardei da infância a idade dos porquê e o deslumbramento perante a vida. Guardei o cheiro e as cores da terra e das árvores da aldeia onde nasci, as histórias fantásticas de quando os animais falavam, guardei a alegria, as cores e a capacidade de me maravilhar. Vivi em diferentes locais, diferentes países, numa mesma Europa, lembro-me do cheiro dos jardins de Paris. Das cores do Outono no Porto, que espiava por detrás das janelas cinzentas do colégio interno. Recordo a chuva que nunca acaba em Londres. Viajei por diferentes continentes, lembro-me do sorriso das pessoas que encontrei em algumas cidades e lembro das cores do céu. Lembro-me da bênção da ceramista, em Jeonju, e do canto dos meninos da escola primária Deák Diák, em Budapeste.

Fui uma criança silenciosa e uma adolescente difícil, nunca fui boa aluna, nem muito popular. Meus pais sempre disseram que poderia ser uma grande pintora, lembro-me da caixa de pastéis de óleo *Holbein* e da câmara fotográfica *Cânon* que meu pai me ofereceu. Devorava livros de qualquer tipo e de todos os tamanhos, lia tudo o que pudesse encontrar.

Lembro-me do dia dos meus doze anos, da bofetada que a Diretora do colégio interno do Porto me deu porque estava a ler 'Crime e Castigo', de Dostoiévski, e não era um livro recomendado. Lembro vagamente da revolução dos cravos em 1974, tinha treze anos e

meio, e ouvia pela primeira vez em público a palavra democracia. Um ano depois iria viver com os meus pais que davam aulas de Português a filhos de imigrantes lusos, na França.

Nunca tive grandes dúvidas na carreira a seguir, e, apesar de ter feito o 'baccalauréat' de ciências, no liceu Victor Hugo, em Paris, acabei por ingressar, em 1980, nas Belas Artes, do Porto. Em Paris tinha tido aulas de Desenho com o pintor surrealista Bernard Montagnana e na famosa Escola Duperré, com M. Garand. Nas Belas Artes, do Porto, conheci as minhas melhores amigas e o pai das minhas filhas.

Quando terminei os cinco anos da escola de Belas Artes do Porto já não tinha assim tanta certeza de que queria seguir a carreira de artista plástica. Foi uma época conturbada, apesar de ter entrado em algumas exposições do circuito da arte dos jovens artistas portugueses, não tinha competências sociais para poder sobreviver no círculo fechado das galerias e críticos. Não me adaptei aos meios de divulgação da arte então em vigor. Comecei a dar aulas de Educação Visual, conciliando as aulas com produção artística individual, nas áreas de pintura, cerâmica e banda desenhada.¹ Durante a década de noventa organizei várias exposições coletivas em circuitos alternativos.

Os meus primeiros anos de professora foram uma revelação de um mundo que até então desconhecía, de estratos sociais que nunca tinha tocado, de afetos e ternuras que nunca tinha imaginado. Era uma péssima professora, sem treino pedagógico nem orientação dos pares. Fazia o que me diziam para fazer os colegas mais experientes. Seguiu o manual escolar e não entendia nada nem dos propósitos nem dos processos da educação visual. Lembro as minhas aulas na Escola Preparatória Vaz de Caminha, no Porto, em meados de oitenta. Estava assustada com aquela realidade tão forte, tão cruel e tão viva e fascinada com o afeto e a rebeldia das crianças do bairro pobre de Massarelos. Então decidi dedicar-me àquela profissão que me assustava e me encantava.

Concorri para a profissionalização, em Paredes de Coura, e comecei a fazer o curso de formação de professores em serviço, numa Escola Superior de Educação. Nessa altura, iniciou-se um sistema de formação complementar para professores que já estavam a dar aulas e tinham um curso superior numa área específica, integrava alguns módulos de pedagogia e um estágio pedagógico na escola. Foi uma formação muito fraca e não tenho boas memórias disso, aprendi o que não se deve fazer em formação de professores. No fim, fiquei com o certificado profissional, mas continuava sem saber

¹ Banda desenhada é o termo que usamos em Portugal para 'comics'; 'Graphic novel'; 'fumetti' ou Revista de quadrinhos, no Brasil.

como fazer. Com a prática fui aprendendo com os alunos, com os colegas e com a comunidade de Paredes de Coura, mas sentia-me muito insegura.

No final dos anos oitenta, chegam os computadores, entusiasmei-me com as hipóteses que antevia trabalhando no *Projeto Minerva* da escola, um Projeto que visava a formação em novas tecnologias para alunos e professores. Trabalhava com uma equipe interdisciplinar de jovens professores e experimentávamos caminhos diferentes de aprendizagem colaborativa com hipertexto.

Tive a minha primeira filha, Marta, e resolvemos mudar de lugar, eu queria que a minha filha vivesse a sua infância na aldeia onde eu nascera e donde saíra com dez anos de idade. Queria que ela retomasse a história interrompida e que sentisse os cheiros e as paisagens, as memórias e as identidades da minha família materna, que retomasse o sentido de comunidade que tinha sido quebrado na minha geração. O pai dela concordou e mudamo-nos para o distrito de Viseu. Ficamos os dois a dar aulas na Escola Secundária de Viseu onde ainda hoje trabalhamos. Tive a minha segunda filha, Catarina, três anos depois. Continuava a fazer cerâmica, pintura e gravura e começava a sentir-me um pouco mais à vontade como professora de artes.

Entretanto, nos meados dos anos noventa a Internet (web 2.0) ficou acessível para todos. De um momento para outro podia contactar com pessoas do outro lado do mundo, trocar ideias e opiniões com outros artistas. Ingressei no Grupo de artistas R2001, um grupo de artistas liderado pelo japonês Seiji Ueoka que acreditava no advento de uma nova renascença com o aparecimento da cibersociedade. Estava muito interessada na ideia de que a arte podia ser feita por todos e que poderia servir como ritual de comunhão. Comecei a ler a revista Leonardo e a participar em foros de discussão de artistas e de arte educadores. Conheci Birgitta Jonsdottir, Wilfred Hildonen, Seiji Ueoka e Sharif Ezzat no fórum R2001. Seiji era o nosso grande guru, ele inventou uma performance coletiva a que chamou 'art day', um evento público para fazermos, ao mesmo tempo, em várias cidades do mundo, convidando os participantes a fazer desenhos, música ou escrever poemas. Particpei virtualmente do primeiro 'art day' em Tóquio e organizei com eles o projeto Alternativa 1- 'Intervenção Em Portugal: Terra Sem Fronteiras'. Organizamos 'Terra Sem Fronteiras' em três cidades de Portugal², com os poetas Ron Whitehead e Birgitta Jonsdottir, o ilustrador Wilfred Hildonen, o músico Carlos Clara Gomes, as minhas grandes amigas e artistas plásticas com quem exponho regularmente Emília Lopes e Ana Bela Lacerda e outros artistas, com quem, na altura discutia questões de arte como a Portuguesa Graça Martins e os brasileiros Lila Rosa

² Viseu, Torres Novas e Porto.

Sardinha e Vasco Accioli. No dia da performance de Viseu, no Instituto da Juventude, celebramos o dia do fim da guerra no Kosovo com os refugiados Kosovars que estavam ali, temporariamente, albergados. Esse projeto³ fez-me consolidar o conceito de arte como ritual coletivo, onde artistas e público podiam comungar. As conversas com Ron Whitehead tinham me ajudado a refinar essa ideia da qual saiu o Manifesto da Alternativa 1, onde dizíamos que acreditávamos no papel de intervenção do artista na sociedade.



Figura 04. Imagem do Cartaz de Alternativa 1- 'Intervenção Em Portugal: Terra Sem Fronteiras'

Alternativa 1, nunca chegou a ser um grupo a sério, era mais o conjunto dos amigos e conhecidos que se iam juntando para exposições. Tinha tentado construir esse grupo desde os finais de oitenta com artistas que tinham sido meus colegas nas Belas Artes do Porto, mas nunca o tinha conseguido. Eram pessoas demasiado individualistas que não se enquadravam em identidades coletivas, quase todos se tornaram professores de artes visuais em universidades ou escolas públicas e contribuíram para a preservação de uma arte educação modernista.

InSEA

³ Que foi subsidiado pela APECV, pelo Instituto das Artes e pelo Governo Civil de Viseu.

Mas eu não conseguia enquadrar-me nessa geração, nem nessas atitudes, nem como artista, nem como professora. Estava a pisar terrenos novos e precisava saber mais sobre arte educação. Durante 1996-1998 fiz o curso de mestrado da Universidade de Surrey/Roehampton (em parceria com a Escola Superior de Educação de Viana do Castelo). E aí descobri todo um mundo desconhecido, tanto a nível teórico como pessoal, pessoas como Rachel Mason e John Steers influenciaram-me muito. Pela primeira vez entendia o que era a arte educação. Pela mão de John Steers conheci a InSEA (International Society for Education Through Art), um grupo de gente que como eu estava interessada em debater problemas sobre arte educação. Em 1998, no congresso da InSEA, na Polónia, conheci outras grandes influências: Ana Mae Barbosa e Fernando Hernandez. Ana Mae Barbosa foi também Presidente da InSEA e é uma das pensadoras mais proeminentes da arte educação para a transformação social; pelo seu lado, Fernando Hernandez é uma das figuras mais importantes no cenário da educação para a compreensão da cultura visual, em língua espanhola. Posso dizer que a InSEA mudou completamente a minha vida.

Depois do congresso na Polónia, apercebi-me que precisava trabalhar mais com a comunidade de professores de arte do meu país e organizei, com a Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV), o primeiro encontro de educação artística Profdartes, em 1999, na escola onde trabalho. Nessa altura, era associada da APECV, mas não muito ativa. Depois de Profdartes, convidaram-me para integrar o grupo da direção da APECV e a editar a sua revista Imaginar, que liderei até ao ano de 2008. Acreditava no trabalho de rede que fazia na APECV, com a revista ou organizando encontros e seminários para promover um debate alargado sobre arte educação trazendo vozes e opiniões diferentes. Tentei criar ambientes de questionamento e reflexão. Mas sentia que era um grupo limitado no espaço, por isso, continuei a participar ativamente nas atividades da InSEA. Na InSEA sinto-me em casa, entre pares, onde posso fazer todas as perguntas que quiser, onde posso ouvir múltiplas experiências e onde me ouvem sem preconceitos. Na InSEA tinha encontrado o grupo que há muito procurava de artistas-professores inquietos, questionadores, atentos e solidários, unidos por uma ideologia comum da educação pela arte.

No virar do milênio, continuava a dar aulas, continuava com dúvidas, começava a ver que existiam muitas maneiras de ver arte educação. Estava particularmente descontente com o sistema de avaliação nas artes que nunca tinha compreendido desde os meus tempos de aluna. Iniciei o programa de Doutoramento na Universidade de Surrey – Roehampton, em Londres, escolhi para orientador uma pessoa que muito admiro e respeito: John Steers, antigo Presidente da InSEA e secretário Geral da National Society

for Education in Art & Design, uma pessoa fabulosa e generosa. Além de John, tinha um co-orientador, Cyril Weir, perito em avaliação e um homem extremamente erudito e flexível. Como dizia Rachel Mason, estava entre 'two big prominent males', um caminho duro de contornar, mas cheio de descobertas. Foi uma aprendizagem fabulosa, durante os quatro anos em que escrevi a minha tese, consegui nesses anos descobrir o meu 'entre-lugares'.

Foram anos muito ativos também no campo da arte. Juntamente com Seijii Ueoka e Sharif Ezzat organizamos duas intervenções com membros do grupo R2001 na Bienal de Cerveira, em 2001 e em 2003, 'UTUTU/eARTh'. Nessas intervenções pedíamos ao público para interagir com os desenhos dos artistas e vice-versa, usando uma plataforma de comunicação da Internet para que artistas de outros espaços pudessem participar em tempo real, na segunda performance coletiva escolhemos o tema 'Conflitos' e Seijii realizou sessões contínuas de cerimónias de chá durante quatro dias.

As Redes: APECV; InSEA; RIAEA

Terminado o doutorado, nasce minha terceira filha, Salomé. Tinha quarenta e quatro anos. Propus a realização do congresso mundial da InSEA em Viseu, uma semana antes da conferência mundial de educação artística da UNESCO que se realizou em Lisboa em março de 2006. Fui muito ajudada por John Steers, e também por Diederik Schönau e Doug Boughton. A nossa ideia era fazer um congresso aberto a outras organizações mundiais da educação artística e talvez fundar uma aliança. Gary McPherson da *International Society for Music Education* (ISME) e Dan Baron da *International Drama/Theatre and Education Association* (IDEA) aceitaram o convite e as três associações encetaram em Viseu a redação da Joint Declaration⁴. Essa declaração serviu de base para a criação da WAAE (World Alliance for Arts Education) que teve depois um papel preponderante na redação do Road Map of Arts Education⁵ (UNESCO, Lisboa, 2006) e nos *Goals* da UNESCO⁶ para a educação artística definidos quatro anos mais tarde na conferência mundial de Seoul. No congresso mundial da InSEA, na Coreia em 2017, a partir do desafio lançado por Peter Viegen, então Presidente da Canadian Society for Education through Art, ajudei a juntar vários leaders mundiais de associações similares que nos falaram da necessidade de advogar pela arte-educação, com o entusiasmo de Susan Coles e o trabalho de muitos membros da InSEA, surgiu, em 2018, o primeiro Manifesto da InSEA, traduzido em doze línguas. Este meu trabalho de agregar, de coordenar ideias e de ajudar as pessoas a concretizá-las tem sido muito exigente de

⁴ Acessível em: <http://www.insea.org/sites/default/files/uploads/zzz/Joint_Declaration_2006.pdf>

⁵ <http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php_URL_ID=39546&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>

⁶ <http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php_URL_ID=39949&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>

tempo, creio que é importante, mas está a pedir demasiado da minha vida. Preciso ficar quieta e ouvir o silêncio!

Mas, nunca fui capaz de descansar! Embrenhei-me na rede de línguas espanhola e portuguesa que tinha sonhado com Fernando Hernandez durante o primeiro congresso ibérico de educação artística (Maia, Portugal em 2001). A Rede foi pouco a pouco ganhando forma e sustentação tentando equilibrar-se entre polos bem diversos. Foi, primeiro, constituída através do grupo da Internet, por parceiros de vários países, de línguas hispânicas e lusitanas, e visou a promoção e apoio da educação artística, possibilitando a partilha de trabalhos, experiências e investigações em Português ou Espanhol. 2008 foi o ano da sua concretização com o primeiro congresso Ibero Americano de Educação Artística em Beja, Portugal. Um congresso histórico na medida em que colocou em diálogo as várias abordagens de educação artística do Brasil, Espanha e Portugal.

Editando

Aos poucos a revista *Imaginar*, da APECV ia ganhando forma, uma revista simples onde se tentava publicar artigos baseados na teoria e artigos sobre práticas pedagógicas. Alguns artigos eram por convite, tentando dar a conhecer o que se fazia e pensava nos outros países. Durante o Congresso Ibero-americano de Educação foi criada *Invisibilidades: Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*, com a finalidade de publicar e divulgar trabalhos técnico-científicos nas áreas de Educação Artística, Ensino de Arte, Arte/educação, Arte e Cultura e demais temas correlatos. A revista tem vivido com o apoio da APECV e do Lab-Com do Instituto Politécnico de Beja. Nos seus dez anos de história, Ricardo Reis, foi muito importante, mas infelizmente morreu muito jovem, tenho conseguido com Aldo Passarinho e com editores convidados, manter as publicações com o processo de revisão por pares. É uma tarefa árdua e, muitas vezes, me pergunto se valerá a pena continuar a fazer tanto esforço para publicar artigos académicos que pouco impacto tem no terreno real da arte educação. Servem mais para ajudar os investigadores a juntar linhas ao CV para fins de acreditação tal como as inúmeras revistas académicas de universidades que proliferam.

Depois do congresso da InSEA, em Viseu, falei com Rachel Mason para organizar um livro com textos do congresso. Rachel aceitou e combinamos fazer um livro onde se referenciasse os assuntos que tinham tido mais relevância; desta forma pedimos a vários participantes que identificassem comunicações interessantes e com critérios de seleção baseados na qualidade de conteúdo e na necessidade de dar a conhecer outras vozes, iniciamos a edição. O trabalho de Rachel, com os autores que não dominavam a língua

inglesa, foi fantástico. Nós queríamos que a língua não fosse uma barreira para a divulgação das pesquisas e Rachel fez o impossível para o conseguir.

Depois do livro, Rachel convidou-me para assistente editora da revista *International Journal of Education through Art*, da qual era editora-chefe na época. Aceitei assustada com a responsabilidade, mas desejosa de ver como se construía um 'peer review journal'. A seguir, a Rachel Glen Coutts e Rita Irwin foram editores-chefe e a revista continua cheia de força e qualidade. Para mim tem sido uma experiência muito rica e cheia de novas aprendizagens. Aprendi que uma revista é um projeto que só pode ser realizado com muita humildade, muito carinho, muito diálogo e muita paciência, não se pode ter pressa nem certezas, o tempo e a arrogância são inimigos da qualidade.

Estou farta de publicações aborrecidas!

Em 2016 iniciei outro projeto, a revista da InSEA IMAG. Para não haver confusões propus à InSEA a criação de um e-magazine só com ensaios visuais; foto-ensaios e video-ensaios. Era um sonho que vinha desde o tempo em que trabalhei com a Rachel na IJETA - se somos professores e artistas visuais, deveríamos ter oportunidade de nos comunicarmos, mais através de imagens do que de textos. A revista foi muito bem recebida e tem sido possível com o trabalho generoso de Angela Saldanha e Ana Barbero, na edição gráfica, que com uma visão estética inovadora, conseguiram imprimir um cunho único na publicação. Pouco a pouco, tentamos que a revista celebre a diversidade linguística, respeitando assim os editores convidados e os autores. Para isso, temos contado com os elementos da equipa editorial, dos parceristas que, mais do que avaliar artigos, ajudam a melhorar tanto em nível de correções de texto como de conteúdo. É um projeto editorial que acarinho, porque provoca, abrange diferentes culturas e maneiras de viver arte e educação; apresenta uma alternativa válida às revistas académicas e não pretende entrar na corrida do fator de impacto. Em IMAG, editores principais; editores gráficos e editores convidados podem alterar completamente os artigos em função do todo: a revista deve ser vista como uma obra coletiva e não como um somatório de artigos solitários.

Investigando

Depois da conclusão do doutoramento, trabalhei cada vez mais na APECV, divulguei a utilização do portfólio reflexivo como instrumento de avaliação nas artes; dando cursos e oficinas de formação de professores por muitos locais do país. Mas sentia cada vez mais o fosso entre vida real e a escola, as questões da cultura visual, o desinteresse e desmotivação dos alunos. Precisava saber mais sobre o mundo dos jovens! Em 2007 aceitei o convite da israelita Rachel Kroup para fazer uma investigação internacional

sobre desenhos de jovens nos quatro continentes. Durante três anos trabalhamos o tema com uma equipe eclética de investigadores e professores de arte do Minnesota EUA, Israel, Hong Kong, Japão, Austrália, Espanha, Hungria, Croácia, Moçambique e Brasil. Descobrimos narrativas incríveis de como os jovens veem o mundo e, apercebi-me da necessidade de as dar a conhecer (EÇA, 2009, 2010). Mas as realidades mudam muito rapidamente! Neste ano, 2018, Leonardo Charréu, pesquisador português, convidou-me para falar sobre os Jovens numa palestra na Escola Superior de Educação de Lisboa. Fiquei sem jeito! Eu não sei nada sobre isso; em conversa com Angela Saldanha, e com o jovem Diogo, de dezoito anos, aluno da escola onde trabalho, decidimos ir lá para colocar perguntas, cada um de nós trouxe as suas inquietações para iluminar a questão essencial: Até que ponto escutamos as culturas dos jovens na arte-educação?

Faço viagens, conheço pessoas maravilhosas: investigadores que me marcam como Rita Irwin; arte-educadores que trabalham arte educação como transformação social, como terapia, como libertação, e, pergunto-me, não será arte-educação também uma forma de arte comunitária? Das viagens ao Egito, fica-me a necessidade urgente de trazer a arte para o mundo da educação com pessoas deficientes. Das viagens à China, trago cada vez mais dúvidas, até que ponto podemos continuar nesta velocidade? Na Colômbia, entendo como a arte na educação pode transformar as comunidades. Tenho necessidade de mostrar o trabalho dos arte-educadores que encontro nestes caminhos, de escrever sobre eles (EÇA, 2010) e de mostrar as suas práticas através da revista IMAG por exemplo.

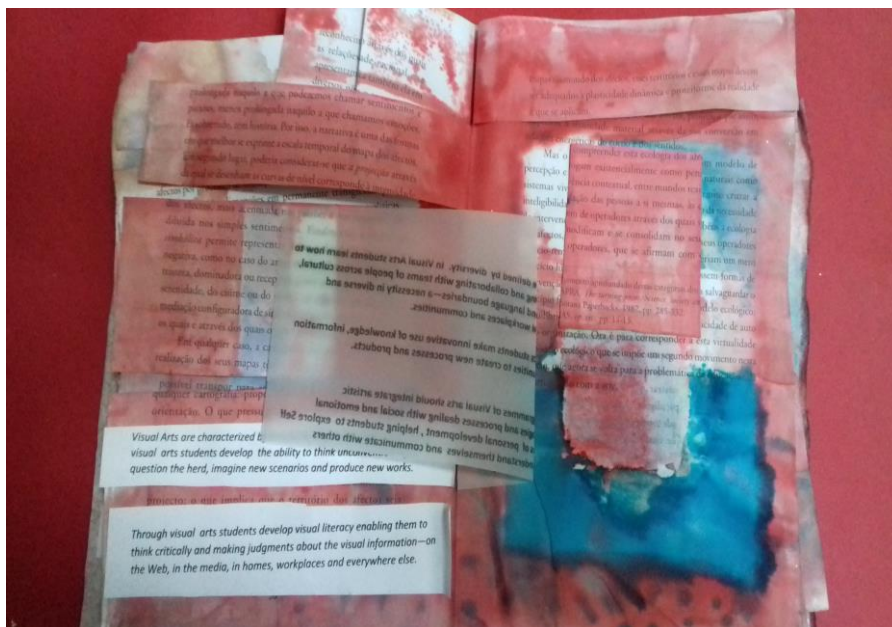


Figura 05. Caderno Manifesto, Teresa Eça, 2017.

C3

Aprendo com os outros, aprendo a aprender. Aprendo criando situações artísticas com outros. Na APECV cada vez mais trabalhamos com artistas, chamamos investigadores, professores e artistas para residências; exposições. Quero celebrar o artista que existe dentro do professor, alargar os horizontes e trazer arte social e colaborativa. E aproveito os meus contatos como Presidente da APECV e da InSEA para propor projetos nesse âmbito. Convidamos artistas e professores a fazer exposições integrando workshops para crianças e adultos na galeria da APECV. Queremos trazer processos artísticos contemporâneos para a educação, infiltramo-nos nas escolas do ensino fundamental, como com o Projeto Create, que proporcionou residências de artistas em escolas, um projeto Europeu onde a InSEA foi parceira com a ajuda da APECV (EÇA; ELZERMAN, MAKSIMOVIC, 2017). Em 2012 iniciamos uma aventura fantástica, que parece não ter fim: Os livros colaborativos – cadernos ativistas (EÇA; SALDANHA, 2017). A partir de um instrumento tão simples, um caderno que passa de mão em mão, se construiu uma estratégia ativista! Os resultados são incríveis; de fato os processos artísticos têm um potencial assombroso.

Nesta linha de trabalho o meu envolvimento com o grupo C3 é essencial, as ideias de Maria Jesus Agra-Pardiñas são a minha bússola, as práticas de Cristina Trigo a minha estrela do Norte e os sonhos de Angela Saldanha fazem-me caminhar, lado a lado com elas, sem saber onde, deambulando; derivando, com mapas de nevoeiro.

Traçando outros mapas

Lá fora, na janela mediática, o mundo amua enrodilhado em conflitos e sede de poder. A democracia tornou-se a ditadura dos representantes das maiorias. Recessão, crise, guerras por poder econômico, discursos que negam os direitos da humanidade e do planeta, corrupção global.

Abro a janela de verdade: as roseiras gritam as cores da Primavera; as árvores vestiram-se de verdes profundos. Pego o pincel de pintar montanhas que comprei ao velho sábio da loja de pincéis em Taipei e desenho as rosas que a trovoadas inclinou.



Figura 06. Caderno Matte, Teresa Eça, 2017.

Queria compartilhar a concentração desta pincelada com os meus alunos, o amor pelo gesto e a representação da ideia, a impossibilidade do sonho que se concretiza no desenho. Queria dar-lhes a oportunidade de se desenharem entre fronteiras e de pensarem um mundo sem limites. Trago comigo os mapas das cidades invisíveis, das estradas que não existem senão na arte, calço os sapatos vermelhos para dar a aula e logo investigar sobre as aulas possíveis. Sinto que preciso encontrar tempo para saborear o tempo e as pessoas que me são mais queridas no mapa das minhas impossibilidades.

Hoje fizemos a avaliação final da disciplina de Oficinas de Arte, perguntei aos alunos o que tinham aprendido, muitos disseram que aprenderam a pesquisar, a conhecer outras realidades através da arte, que descobriram que os artistas tinham um grande impacto sobre a sociedade, porque falavam sobre coisas importantes, disseram que mesmo que não sigam a carreira artística a arte vai estar sempre com eles. Fico contente! (Teresa Torres de Eça, Diário de Bordo, 29 de maio de 2018).

Referências

AGRA-PARDIÑAS, M. J. Topografía crítica: el hacer docente y sus lugares. In: EÇA, T.T.; AGRA-PARDIÑAS, M.J.; TRIGO, C.; PIMENTEL, L.G. **Desafios da educação artística em contextos ibero americanos**. Porto: APECV, 2010.

CABRERA SALORT, R. **Una vocación humana permanente**. Discurso na Conferencia de Formación Artística y Cultural para la región de América Latina y el Caribe, Medellín, Colombia, 2007.

EÇA, T. T.; SALDANHA, A. **Cadernos ARTIVISTAS/Livros colaborativos**. Disponível em: <<https://sharingsketchbooks.wordpress.com/2018/01/16/cadernos-ativistas-livros-colaborativos/>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

EÇA, T. T.; ELZERMAN, H.; MAKSIMOVIC, M. Contemporary Art as a curriculum strategy. In: MARTINS, C. (Org.). **Creative Primary School Partnerships with Visual Artists**. Project Erasmus + CREATTE. Porto: FBAUP. Disponível em: <https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2018/01/crearte_digital.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2018.

EÇA, T. T. Perspectivar o futuro: o papel central da arte educação no ensino. In: ASSIS, H.L.; RODRIGUES, E.B.T. (Org.). **O ensino de artes visuais: desafios e possibilidades contemporâneas**. Goiânia, GO: GRAFSET - Gráfica e Editora Ltda, 2009.

EÇA, T. T.; MASON, R. Intercultural Dialogues. In: **Art Education**. London: Intellect Books, 2008.

EÇA, T. T. A Educação Artística e as Prioridades educativas do início do século XXI. In: **Revista Ibero Americana de Educación**. n. 52. Madrid: OEI, 2010.

EÇA, T. T. Que desenhas? Que designas? Que desígnos? Interpretando a opiniões e visões dos jovens a partir dos seus desenhos. In: OLIVEIRA, M.; MILHANO, S. **As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem Promotores de Criatividade**. Leiria: Folheto, 2010.

HERNANDEZ, F.; EÇA, T. T. A Rede Ibero Americana de Educação Artística: Um projeto para construir caminhos comuns. In: **In-Visibilidades**. Disponível em: <http://issuu.com/invisibilidades/docs/invisibilidades_0/1. Acedido em 01/01/2018>.

KON, V. **'Reflecciones'**. In: Arquivos da Rede, colecção privada, 2009.

UEOKA, S.; EZZAT, S; EÇA, T. T. UTUTU/eARTh: interactive performances. In: WORKSHOP Luso-Galaico de artes digitais. **Actas**. ARTECH 2004; Lisboa, 12 de julho, 2004.

Notas

A página web da APECV: <http://www.apecv.pt/>

A página web da InSEA: <http://www.insea.org/>

C3 e Os cadernos artistas: <https://sharingsketchbooks.wordpress.com/>

Revista Invisibilidades: <http://www.apecv.pt/publicacoes/revista-invisibilidades>

IMAG: <http://www.insea.org/publications/imag>

ⁱ Artista Plástica e Professora de Artes Visuais. Doutorada pela Universidade de Surrey Roehampton (UK). Presidente da International Society for Education Through Art-InSEA desde 2014; Presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV desde 2008; Diretora do Centro de Formação de Professores Almada Negreiros (APECV); Artista Plástica e Professora de Artes Visuais na Escola Secundária Alves Martins.

Colabora com o Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) – Universidade Aberta, Portugal. Áreas de investigação: Educação Artística, Investigação Baseada nas Artes. Tem coordenado projetos internacionais de Educação intercultural, Educação para o desenvolvimento sustentável, Educação para a Paz, e Artivismo, Membro do grupo de investigação através das artes : C3 (<https://sharingsketchbooks.wordpress.com/>). Editou vários livros e escreveu vários artigos em revistas internacionais sobre educação artística. É co-editora das E-publicações internacionais IMAG (InSEA Emagazine) e revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes Invisibilidades.

Como citar esse artigo:

EÇA, Teresa Torres. Mapeando. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 274-292, mai./ago. 2018.